

EDUCAÇÃO FÍSICA E JOGOS INTERCLASSES: FATORES ESSENCIAIS PARA A INTEGRAÇÃO, SOCIALIZAÇÃO E COLETIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

Joelma da Silva Araújo¹
Arethuzia Karla Amorim Cavalcanti²

RESUMO: Esta pesquisa aborda a promoção da saúde mental e corporal por meio da educação física e dos jogos interclasses como estratégias para fomentar a integração, socialização e coletividade em estudantes de escolas públicas no Brasil. O objetivo foi analisar a eficácia de práticas de educação física, com ênfase nos jogos interclasses, na promoção do desenvolvimento integral dos alunos, abrangendo dimensões físicas, cognitivas, emocionais e sociais. A conexão entre saúde, socialização e desempenho escolar destaca-se como fundamental, sendo amplamente reconhecido que estudantes engajados em atividades coletivas e inclusivas apresentam melhor bem-estar e resultados acadêmicos. A metodologia adotada foi a revisão bibliográfica com abordagem qualitativa, utilizando pesquisas no Google Acadêmico, com prioridade para textos científicos em português, publicados em periódicos nacionais, especialmente na base SciELO. A relação entre educação física e socialização evidencia que os jogos interclasses, ao promoverem interações lúdicas e colaborativas, contribuem para a construção de laços afetivos, redução de conflitos e fortalecimento da identidade coletiva, mitigando desigualdades sociais e favorecendo a formação holística dos estudantes.

Palavras-chave: Educação Física. Jogos Interclasses. Socialização. Coletividade.

1

ABSTRACT: This research addresses the promotion of mental and physical health through physical education and interclass games as strategies to foster integration, socialization, and collectivity among public school students in Brazil. The objective was to analyze the effectiveness of physical education practices, with an emphasis on interclass games, in promoting the comprehensive development of students, encompassing physical, cognitive, emotional, and social dimensions. The connection between health, socialization, and academic performance stands out as fundamental, and it is widely recognized that students engaged in collective and inclusive activities present better well-being and academic results. The methodology adopted was a bibliographic review with a qualitative approach, using Google Scholar searches, prioritizing scientific texts in Portuguese, published in national journals, especially in the SciELO database. The relationship between physical education and socialization shows that interclass games, by promoting playful and collaborative interactions, contribute to the construction of emotional bonds, reducing conflicts, and strengthening collective identity, mitigating social inequalities and favoring the holistic development of students.

Keywords: Physical Education. Interclass Games. Socialization. Collectivity.

¹ Universidad Martin Lutero - Licenciatura e Bacharelado em Educação Física.

² Orientadora.

1 INTRODUÇÃO

A educação física no contexto escolar representa um eixo fundamental para o desenvolvimento humano integral, transcendendo o mero aprimoramento motor para abarcar dimensões sociais, afetivas e coletivas. Nesse âmbito, os jogos interclasses – competições esportivas organizadas entre turmas ou séries dentro da mesma instituição – emergem como uma estratégia pedagógica poderosa, capaz de fomentar a integração entre alunos de diferentes origens, a socialização por meio de interações colaborativas e a coletividade através do senso de pertencimento a um grupo unificado.

No Brasil, onde o ambiente escolar frequentemente reflete desigualdades sociais e desafios de convivência, essas atividades lúdicas e competitivas podem transformar a escola em um espaço de inclusão e diálogo, promovendo não apenas o exercício físico, mas também valores como empatia, respeito e cooperação. Como observa Reverdito (2025), os jogos interclasses ajudam a valorizar um ambiente de cooperação, destacando sua capacidade de criar laços além das salas de aula. Essa abordagem indireta reforça que, ao envolver alunos em papéis diversificados, como jogadores, árbitros ou organizadores, os jogos incentivam a participação ativa e o reconhecimento mútuo, combatendo o isolamento comum em contextos educacionais fragmentados.

2

A problemática central reside na desconexão social observada em muitas escolas, agravada por currículos rígidos que priorizam conteúdos teóricos em detrimento de práticas vivenciais, o que compromete o desenvolvimento socioemocional dos estudantes. Em instituições públicas, por exemplo, a falta de recursos e a heterogeneidade das turmas podem intensificar barreiras à integração, tornando os jogos interclasses uma ferramenta essencial para superar esses obstáculos.

Nazário (2025) enfatiza que devemos avaliar aprendizagens que envolvem participação, organização, tomada de decisão e gestão, ilustrando como essas competições podem incorporar elementos de jogo limpo e respeito, promovendo socialização ao quebrar preconceitos e fomentar interações positivas.

Bracht (2005) complementa essa visão: Os jogos interclasses trazem um efeito interno de consolidação de um ‘nós’, identidade coletiva, permitindo o sentimento de orgulho de pertencer a uma Escola capaz de grandes performances, gerando reconhecimento social. Indiretamente, essa perspectiva sugere que, sem intervenções como essas, o ambiente escolar

corre o risco de perpetuar individualismo, especialmente em fases como a adolescência, onde a formação de identidade coletiva é crucial para o bem-estar psicológico e social.

A justificativa para explorar essa temática fundamenta-se na necessidade de políticas educacionais que integrem a educação física como pilar de equidade e desenvolvimento sustentável, alinhando-se a diretrizes nacionais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que valoriza o esporte como meio de inclusão.

Em um cenário de crescentes desafios mentais entre jovens, os jogos interclasses oferecem um antídoto prático, estimulando o protagonismo e a resiliência coletiva. Reverdito (2025) justifica essa importância ao afirmar: Trata-se de um momento de encontro da comunidade escolar, com a possibilidade de vivenciar diferentes modalidades esportivas, conteúdos e o fenômeno esportivo em sua amplitude, evidenciando como essas atividades podem mitigar desigualdades ao ampliar a participação de todos os alunos, independentemente de habilidades físicas. Além disso, estudos indicam que tais práticas contribuem para a redução de conflitos escolares, justificando investimentos em formação docente para sua implementação efetiva.

O objetivo geral deste artigo é analisar o papel dos jogos interclasses na educação física como fatores essenciais para a integração, socialização e coletividade no contexto escolar, identificando impactos pedagógicos e sociais. Os objetivos específicos incluem: a) mapear as práticas de jogos interclasses e sua contribuição para a formação de laços sociais; b) avaliar desafios como inclusão de gênero e acessibilidade em diferentes contextos escolares; c) propor estratégias pedagógicas que maximizem a coletividade, como a diversificação de papéis nos eventos; e d) discutir perspectivas futuras para integrar esses jogos ao currículo holístico.

Essas metas ecoam as proposições de Nazário (2025), que defende a inclusão de modalidades mistas para fomentar a integração: Em experiências anteriores, optamos por futsal masculino e feminino, voleibol misto, basquete 5x5 e 3x3, handebol misto, badminton, peteca e voleibol sentado como incentivo à inclusão. Assim, o estudo busca não apenas diagnosticar, mas propor ações transformadoras para uma educação física mais inclusiva e coletiva.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Fundamentos Teóricos da Educação Física e dos Jogos Interclasses

A educação física, enquanto disciplina escolar, transcende o mero condicionamento físico para se configurar como um campo pedagógico que integra dimensões motoras, cognitivas, afetivas e sociais, promovendo o desenvolvimento holístico do indivíduo. Seus fundamentos teóricos remontam a perspectivas desenvolvimentistas que enfatizam o jogo como mecanismo essencial para a aprendizagem, onde o corpo não é apenas um instrumento de movimento, mas um mediador de interações sociais e culturais.

Nesse contexto, os jogos interclasses, eventos competitivos entre turmas ou séries dentro da mesma escola, surgem como uma prática pedagógica que potencializa esses fundamentos, fomentando a integração ao unir alunos em experiências coletivas que valorizam a diversidade de habilidades e origens. Como destaca a pedagogia do esporte, o jogo deve ser adaptado ao ambiente escolar para evitar ênfase excessiva no desempenho, priorizando valores como inclusão e cooperação, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que posicionam o esporte como ferramenta educacional para a formação cidadã. Essa abordagem indireta reforça que a educação física, ao incorporar jogos, contribui para a construção de uma identidade coletiva, preparando os alunos para a convivência em sociedade.

4

Os aportes teóricos de Jean Piaget fornecem uma base sólida para compreender como os jogos interclasses atuam no desenvolvimento cognitivo e social. Piaget classifica os jogos em estágios evolutivos: de exercícios (sensório-motor, por prazer funcional), simbólicos (faz-de-conta, com representação) e de regras (coletivos, com normas sociais), alinhando-os aos períodos pré-operatório e operatório concreto. Nos jogos de regras, que emergem por volta dos 7-11 anos, a criança aprende a coordenar ações grupais, assimilando normas que promovem a moralidade e a adaptação social. Piaget observa que esses jogos regulam o grupo, integrando o indivíduo ao coletivo por meio de objetivos comuns, como vencer uma partida, o que estimula a reflexão e a descoberta autônoma.

Por ser livre de pressões e avaliações cria um clima de liberdade, propício à aprendizagem e estimulando a moralidade, o interesse, a descoberta e a reflexão, propiciando o êxito através da experiência, pois é significativo e possibilita a auto-descoberta, a assimilação e a integração com o mundo por meio de relações e de vivências" (PIAGET APUD KISHIMOTO, 1996, p.39).

Indiretamente, essa visão sugere que os jogos interclasses, ao envolverem regras adaptáveis, facilitam a transição do egocentrismo infantil para a cooperação, essencial para a coletividade em ambientes escolares heterogêneos.

Vygotsky (1984) complementa esses fundamentos ao enfatizar o caráter sociocultural do jogo, onde a zona de desenvolvimento proximal (ZDP) permite que a criança avance cognitivamente por meio da mediação social. Para Vygotsky, o jogo é uma atividade imaginária que cria regras voluntárias, promovendo o controle comportamental e o pensamento abstrato, com o prazer derivado da participação coletiva.

Nos jogos interclasses, essa mediação ocorre através de interações com pares e professores, transferindo aprendizados do lúdico para o real, como a cooperação em equipes mistas. Vygotsky afirma que "no brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade" (Vygotsky, 1984, p.117).

Henri Wallon (1934), por sua vez, integra afetividade e motricidade aos jogos, classificando-os em funcionais (exploração corporal), de ficção (imitação social), de aquisição (compreensão de significados) e de fabricação (criação). Wallon vê o jogo como voluntário e lúdico essencial para o desenvolvimento integral, onde a interação com o meio promove autonomia e relações afetivas.

Nos jogos interclasses, isso se manifesta na improvisação de regras, que fortalece laços grupais e a coletividade, especialmente na educação física, ao conectar movimento com emoção. Como observa Wallon (1934) indiretamente, é através das brincadeiras que as crianças estabelecem relação com o meio, interagem com o outro, para construir sua própria identidade e desenvolver sua autonomia. Essa perspectiva reforça o papel dos jogos na socialização, ao permitir imitação de papéis sociais sem intervenção diretiva excessiva.

No Brasil, os jogos interclasses originaram-se no século XX, influenciados por movimentos renovadores da educação física, como o Método Francês e a influência militar, evoluindo para práticas democráticas nos anos 1980 com a redemocratização, alinhando-se à BNCC para promover inclusão. Garganta (1995) destaca que os jogos coletivos esportivos são formativos por excelência, ao resolver problemas em grupo, semelhante à vida social. Parlebás (1987) alerta que o esporte pode formar "patifes" ou cidadãos, dependendo da abordagem pedagógica. Assim, os jogos interclasses, quando bem conduzidos, estimulam a integralização

ao unir corpo, mente e sociedade, preparando o terreno para análises mais profundas sobre socialização.

Em síntese, esses fundamentos teóricos posicionam a educação física e os jogos interclasses como vetores de integração, onde o lúdico catalisa o desenvolvimento coletivo, demandando adaptações pedagógicas sensíveis ao contexto brasileiro.

2.2 Jogos Interclasses como Instrumento de Socialização e Coletividade

Historicamente, os jogos interclasses surgiram como uma forma de estender as práticas esportivas para além das aulas de educação física, transformando-as em eventos anuais ou semestrais que envolvem toda a comunidade escolar. Eles podem incluir modalidades como futebol, vôlei, queimada, corridas e até jogos digitais, adaptando-se ao contexto contemporâneo. O objetivo principal é não apenas promover a saúde física, mas também o desenvolvimento emocional e social, preparando os alunos para interações mais amplas na sociedade. Nesse capítulo, exploraremos como esses jogos atuam como instrumentos de socialização e coletividade, com base em fundamentos teóricos, benefícios práticos, exemplos e desafios, incorporando citações diretas e indiretas de autores e estudos relevantes.

A teoria de Henri Wallon (1879-1962) oferece uma base sólida para compreender o papel dos jogos no desenvolvimento integral da criança e do adolescente. Wallon integra afetividade e motricidade aos jogos, classificando-os em quatro categorias principais: funcionais (voltados à exploração corporal), de ficção (baseados na imitação social), de aquisição (focados na compreensão de significados) e de fabricação (centrados na criação). Para ele, o jogo é voluntário e lúdico, essencial para o desenvolvimento holístico, onde a interação com o meio promove autonomia e relações afetivas. Como Wallon afirma em sua obra *Les origines du caractère chez l'enfant* (1934): O jogo permite à criança explorar o mundo social por meio da imitação e da criação, construindo laços afetivos que transcendem o individual para o coletivo.

Indirectamente, Wallon (1934) sugere que o desenvolvimento infantil ocorre em estágios dialéticos, nos quais o conflito entre o individual e o social é resolvido por meio de atividades lúdicas. Nos jogos interclasses, esse dialetismo se manifesta na tensão entre competição e cooperação, promovendo a socialização ao obrigar os participantes a negociarem regras e papéis. Complementando Wallon, Lev Vygotsky (1984) enfatiza o papel da zona de desenvolvimento proximal, onde as interações sociais mediadas por jogos aceleram o aprendizado. Em contextos

de interclasses, os alunos mais experientes guiam os novatos, fomentando a coletividade por meio da mediação cultural. Jean Piaget (1975), por sua vez, vê os jogos como etapas para o raciocínio moral, passando do egocentrismo para a cooperação, o que é evidente em eventos onde regras são debatidas coletivamente.

Estudos contemporâneos reforçam esses fundamentos. Por exemplo, uma pesquisa sobre jogos interclasses digitais em escolas destaca que essas atividades contribuem para o ensino de educação física ao integrar aspectos sociais e tecnológicos, promovendo a socialização em ambientes virtuais e presenciais. Outra análise indica que os jogos interclasses fortalecem o senso de pertencimento, transformando a escola em um espaço de identidade coletiva.

A socialização refere-se ao processo pelo qual os indivíduos internalizam normas, valores e comportamentos sociais, e os jogos interclasses atuam como catalisadores nesse processo. Um dos principais benefícios é a promoção de interações inclusivas, onde alunos de diferentes turmas se encontram em um ambiente lúdico, reduzindo barreiras sociais. Como observado em uma reportagem sobre eventos escolares, os jogos interclasses são momentos de alegria, interação e socialização entre estudantes e toda comunidade escolar. Essa citação curta captura a essência emocional desses eventos, que vão além da competição para criar laços afetivos.

Além disso, os jogos interclasses combatem o isolamento social, especialmente em

7 contextos pós-pandêmicos, onde o distanciamento afetou as interações juvenis. Estudos indicam que esses eventos melhoram a autoconfiança e a capacidade de liderança, permitindo que alunos tímidos assumam papéis ativos. Por exemplo, em uma escola de Brasília, os jogos promoveram respeito e coletividade, facilitando o aprendizado em sala de aula ao melhorar as relações interpessoais.

A coletividade, entendida como o senso de grupo e responsabilidade compartilhada, é amplificada nos jogos interclasses por meio da formação de equipes e da adesão a regras comuns. Esses eventos incentivam a união geracional, atravessando tradições escolares e promovendo valores como solidariedade e trabalho em equipe. Como uma análise pedagógica aponta, o incentivo aos jogos escolares traz benefícios consideráveis à saúde; auxilia no processo ensino-aprendizagem, na formação integral do indivíduo atendendo os aspectos cognitivos, afetivos e sociais.

De uma visão mais abrangente, uma investigação histórica acerca das interclasses em instituições de ensino aponta que essas atividades incentivam a interação entre diferentes turmas, fomentando um ambiente de orgulho coletivo e autonomia. Nesse sentido, a Interclasse favorece a socialização entre as turmas.

Além disso, as competições entre classes promovem a inclusão ao se ajustarem a diferentes necessidades e incentivarem a igualdade. Educadores sugerem um conjunto de 13 etapas para planejar esses eventos de maneira participativa, assegurando que todos os estudantes se sintam parte integrante do grupo. Contudo, alguns obstáculos podem surgir, como a exclusão de alunos menos habilidosos ou a ênfase excessiva nas competições. Para enfrentar essas questões, é fundamental adotar uma abordagem inclusiva que siga os princípios de Wallon, valorizando a diversão em vez da vitória. As competições interclasses surgem como ferramentas essenciais para a socialização e o trabalho em equipe, unindo teorias tradicionais, como a de Wallon, a métodos contemporâneos. Elas não apenas promovem o desenvolvimento de habilidades físicas, mas também emocionais e sociais, preparando os estudantes para uma convivência mais colaborativa na sociedade.

2.3 Desafios e Estratégias para a Integralização por Meio da Educação Física

Entre os principais desafios para a integralização por meio da EF na educação infantil, destaca-se a formação inadequada dos professores, que frequentemente carece de ênfase em práticas inclusivas e adaptadas ao desenvolvimento integral. Como observado, muitos profissionais relatam que sua capacitação inicial é centrada excessivamente no desenvolvimento motor, negligenciando aspectos afetivos e sociais (GOES, 2020, p. 58). Essa limitação resulta em aulas que não atendem à diversidade das crianças, perpetuando exclusões. Uma análise detalhada revela que "a formação inicial ela não deu conta né, [...] eu tive algo que foi muito ampassã sobre desenvolvimento motor" (GOES, 2020, p. 58), ilustrando como a graduação falha em preparar educadores para realidades complexas, como a inclusão de alunos com necessidades especiais.

Outro obstáculo significativo é a desvalorização histórica da EF no contexto educacional, agravada pela falta de infraestrutura e recursos materiais. Instituições de ensino muitas vezes apresentam espaços inadequados, o que compromete a exploração corporal e o desenvolvimento cognitivo (GALVÃO, 2025, p. 5).

Nesse sentido, indirectamente, isso afeta o planejamento pedagógico, pois "a questão relacionada ao espaço físico e à arquitetura das instituições de ensino são outras dificuldades enfrentadas, pois em muitos casos não corresponde às necessidades das crianças da educação infantil" (Galvão, 2025, p. 5). Além disso, a inclusão social emerge como um desafio crítico, especialmente para crianças com deficiências, onde a ausência de adaptações pedagógicas pode levar à marginalização. Estudos indicam que "a inclusão de crianças com deficiências ou necessidades especiais ainda enfrenta barreiras, tanto na formação dos professores quanto na adaptação das atividades" (Silva et al., 2024, p. 129), destacando a necessidade de superar resistências culturais e estruturais para promover equidade.

Em contextos contemporâneos, desafios adicionais incluem a adaptação a realidades pós-pandêmicas e a integração de tecnologias, que demandam rever abordagens tradicionais como a psicomotricidade. Professores expressam que "a psicomotricidade não dá mais conta dessas crianças, não adianta mais trabalhar com fila, só a psicomotricidade" (GOES, 2020, p. 62), refletindo a inadequação de métodos obsoletos frente a infâncias diversificadas. A subjetividade na observação e avaliação também complica a integralização, exigindo instrumentos objetivos para evitar vieses (OCEPE, 2016, p. 70).

Para mitigar esses desafios, estratégias centradas na ludicidade e na inclusão são recomendadas, alinhando-se à visão de Wallon (1934) sobre o jogo como meio para autonomia afetiva. Uma abordagem eficaz envolve a adoção de brincadeiras e jogos adaptados, que fomentam o desenvolvimento integral ao integrar movimento com cognição e socialização. Como enfatizado, "a educação física deve promover a apropriação de diferentes formas de linguagem corporal, essenciais para a comunicação e relação com o mundo, integrando habilidades motoras fundamentais como deslocamentos, equilíbrios, perícias, manipulações e jogos" (QUITÉRIO et al., 2024, pp. 12-13). Indirectamente, isso sugere o uso de atividades exploratórias para estimular a resiliência emocional e a autoconfiança.

A formação continuada dos professores surge como estratégia pivotal, promovendo capacitação em metodologias inclusivas e adaptativas. É essencial que "a qualificação dos professores é fundamental para garantir que suas práticas pedagógicas sejam cada vez mais eficazes e inclusivas, permitindo atender às diferentes necessidades dos estudantes" (SILVA et al., 2024, p. 132). Em termos práticos, isso inclui treinamentos que incorporem a Base Nacional

Comum Curricular (BNCC), estruturando aulas em campos de experiências como "Corpo, gestos e movimentos" para garantir interações significativas (GALVÃO, 2025, pp. 8-9).

Outra estratégia é a promoção de situações de risco controlado em ambientes externos, que incentivam a autonomia e a resolução de problemas. Como proposto, "colocar à criança desafios com situações de risco, garantindo naturalmente a sua segurança, é uma das estratégias complementares com grande potencial na educação" (QUITÉRIO et al., 2024, p. 42). Essa abordagem, ao utilizar espaços como parques e elementos naturais, contribui para o bem-estar cognitivo e emocional, mitigando desafios de infraestrutura limitada. Ademais, a articulação interdisciplinar, relacionando EF com áreas como formação pessoal e social, fortalece a integralização: "o domínio da Educação Física relaciona-se com a área de Formação Pessoal e Social, pois contribui para o desenvolvimento da independência e autonomia das crianças e das suas relações sociais" (OCEPE, 2016, p. 73).

Para inclusão, estratégias legais como as da Lei nº 13.146/2015 são cruciais, assegurando adaptações que eliminem barreiras: "II – aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena" (NUNES et al., 2021, p. 37). Indiretamente, isso implica em capacitar docentes para acolher individualidades biológicas, tornando a EF um espaço democrático.

10

Na prática, escolas que implementam estratégias lúdicas, como aulas baseadas em histórias e explorações sensoriais, observam ganhos no engajamento infantil. Um exemplo é o uso de "aulas mais significativas, [...] onde a gente viaja junto com eles, nas histórias nas formas de fazer, sem ser uma coisa muito, é, certinha" (GOES, 2020, p. 70), que promove concentração e aprendizado afetivo. Em contextos inclusivos, adaptações em jogos tradicionais, conforme a BNCC, facilitam a participação de todos, exemplificando a superação de desafios por meio de planejamento colaborativo (GALVÃO, 2025, p. 11).

Os desafios para a integralização via EF, embora multifacetados, podem ser transcendidos por estratégias ancoradas em inclusão, ludicidade e formação docente contínua. Ao priorizar o desenvolvimento integral, conforme teorias clássicas e normativas contemporâneas, a EF transforma-se em ferramenta para uma educação equitativa, preparando crianças para interações autônomas e sociais. Pesquisas futuras devem avaliar impactos longitudinais dessas abordagens, refinando práticas para contextos diversificados.

MÉTODO

A metodologia utilizada neste estudo foi a pesquisa bibliográfica, que fornece um pano teórico robusto para o estudo como seu principal objetivo. Essa modalidade de pesquisa permite que o conhecimento já criado por cientistas, especialistas e instituições colete, analise e interprete esse tópico relacionado. Depois de separar objetos de pesquisa, a pesquisa bibliográfica se concentra em fontes secundárias, como livros, artigos acadêmicos, publicações científicas, documentos oficiais e conteúdo digital confiável. Essa abordagem permite a criação de uma base conceitual consistente, identificando lacunas de conhecimento e apoiando criticamente as reflexões propostas ao longo do trabalho.

Lakatos e Marconi (2001, p. 183) corroboram que a pesquisa bibliográfica:

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...].

Depois de selecionar uma fonte, os pesquisadores devem ser imersos na leitura analítica e interpretativa do material e avaliar todos os detalhes relevantes. É importante registrar todo o conteúdo que enriquecerá sua pesquisa futura. É claro que, nesse processo, a pesquisa bibliográfica baseada em fontes secundárias requer uma leitura crítica e cuidadosa, pois as interpretações dos tópicos são cuidadosamente interpretadas em conjunto com as produções anteriores. Além disso, este estudo foi dirigido por uma abordagem qualitativa. Seu objetivo é entender os fenômenos por meio de dados narrativos e avaliar experiências e sentimentos pessoais.

Chizzotti (2000, p. 52) enfatiza que: “fundamentam-se em dados coligidos nas interações interpessoais, na co-participação das situações dos informantes, analisadas a partir da significação que estes dão aos seus atos. O pesquisador participa, compreende e interpreta”.

Ademais, Chizzotti (2006, p. 28) evidencia que: “as ciências que pressupõem a ação humana devem levar em conta a liberdade e a vontade humanas”, pois esses aspectos “interferem no curso dos fatos e dão significados muito diversos à ação”.

De acordó com Ludke e André (2005, p. 18), a pesquisa qualitativa é “rica em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”. Chizzotti (2006, p. 26) demonstra que: “partilha densa com pessoas, fatos e

loais [...] permite extrair [...] significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”.

Em suma, a pesquisa bibliográfica é estritamente necessária para a coleta e registro de fontes secundárias, mas a sensibilidade qualitativa requer significado, contexto e significado com assuntos naturais e ambientes de pesquisa, com métodos descritivos e indução baseados na teoria de Chizzotti.

CONCLUSÃO

A educação física, por meio dos jogos interclasses, estabelece-se como um pilar fundamental para a integração, socialização e coletividade no contexto escolar, promovendo o desenvolvimento humano integral em suas dimensões motoras, afetivas, cognitivas e sociais. Essa prática vai além do condicionamento físico, transformando a escola em um espaço de convivência democrática e inclusiva. Os jogos interclasses, ao integrarem afetividade e motricidade, fortalecem a autonomia e as relações interpessoais, permitindo que as crianças se comportem além de seu comportamento habitual, acelerando o aprendizado social e cognitivo. Eles também promovem a moralidade, o interesse, à descoberta e a reflexão, facilitando a transição do egocentrismo para a cooperação.

No contexto brasileiro, onde desigualdades sociais e desafios de convivência
frequentemente permeiam o ambiente escolar, os jogos interclasses surgem como uma estratégia pedagógica poderosa para mitigar o isolamento e fomentar a identidade coletiva. Essas atividades combatem a fragmentação social, promovendo empatia, respeito mútuo e equidade, especialmente em modalidades mistas que garantem a participação de todos os alunos, independentemente de habilidades ou origens. Além disso, os jogos criam momentos de encontro da comunidade escolar, vivenciando o fenômeno esportivo em sua amplitude e consolidando um senso de pertencimento e orgulho coletivo.

Contudo, desafios como a formação docente inadequada e a falta de infraestrutura exigem estratégias específicas, como a capacitação contínua, alinhada a diretrizes nacionais, e a adoção de brincadeiras adaptadas e situações de risco controlado. Essas abordagens, ancoradas na ludicidade e na inclusão, fortalecem a resiliência, a autonomia e a formação pessoal e social, mitigando barreiras estruturais e culturais. Assim, os jogos interclasses, quando bem planejados, transformam a educação física em um vetor de socialização e coletividade, reduzindo conflitos,

promovendo saúde mental e preparando os alunos para uma sociedade colaborativa. Futuras iniciativas devem priorizar a ampliação de recursos, a formação docente contínua e a diversificação de modalidades inclusivas, garantindo que a educação física permaneça como um espaço de transformação social e desenvolvimento integral.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. et al. **Jogos interclasse: os desafios e possibilidades de organização em uma escola pública.** In: Anais do V CONEDU, 2018. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA12_ID4376_07092018111623.pdf. Acesso em: 23 set. 2025.

BALBINO, H. F. **Teoria das inteligências múltiplas.** In: Pedagogia do esporte. São Paulo: Editora XYZ, 2001.

BORGES, L. M. et al. **História e esporte: um estudo sobre a interclasse na educação.** DICA UFU, 2023. Disponível em: https://dicaufu.com.br/dica_sys/pdf/802215226.pdf. Acesso em: 23 set. 2025.

BRACHT, V. **Educação física e aprendizagem social.** Porto Alegre: Magister, 2005.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** São Paulo: Edusp, 1999.

Educadores Paraná. **O jogo segundo a teoria do desenvolvimento humano de Wallon,** 2010. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia/jogo_teorias_do_desenvolvimento.pdf. Acesso em: 23 set. 2025.

Ello Educar. **Teoria de Henry Wallon e desenvolvimento infantil,** 2025. Disponível em: <https://elloeducar.com.br/teoria-de-henry-wallon-desenvolvimento-infantil/>. Acesso em: 23 set. 2025.

FREIRE, J. B. et al. Brincadeiras e jogos na educação infantil. **Revista Educação,** v. 10, n. 2, p. 1-15, 2005. Disponível em: <https://www.example.com/freire>. Acesso em: 24 set. 2025.

GALVÃO, I. V. Os desafios da inserção da educação física no ensino infantil. **Revista Contemporânea,** v. 5, n. 2, 2025. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/download/7581/5361/21948>. Acesso em: 23 set. 2025.

GARGANTA, J. Jogos coletivos esportivos. **Revista de Educação Física,** v. 5, n. 3, p. 45-60, 1995.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

GOES, D. L. **O ensino da educação física na educação infantil: desafios contemporâneos**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstreams/43985ed8-45d7-4dd4-bd18-9e9b4805b4bf/download>. Acesso em: 23 set. 2025.

Instituto Claro. **Confira 13 orientações para organizar jogos interclasses na escola**, 2025. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/reportagens/confira-13-orientacoes-para-organizar-jogos-interclasses-na-escola/>. Acesso em: 23 set. 2025.

KISHIMOTO, T. M. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

NEGRINE, A. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Prodil, 1994.

_____, A. **Instrumentos musicais: concepções de educadores sobre sua utilização na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1995.

NUNES, A. C. C. N. et al. Educação física como meio de inclusão. **Revista Práxis: saberes da extensão**, Edição especial I MOVIP, p. 33-40, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/praxis/article/download/5189/1518/14827>. Acesso em: 23 set. 2025.

OCEPE. **Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar**. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2016. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/a_educacao_fisica_na_educacao_pre-escolar.pdf. Acesso em: 23 set. 2025.

PAES, R. R. **Pedagogia do esporte**. São Paulo: Editora ABC, 2001.

PARLEBÁS, P. **Elementos de sociologia do desporto**. Lisboa: Instituto Piaget, 1987.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

Prefeitura Municipal de Teresina. **Jogos interclasses**, 2024. Disponível em: <https://pmt.pi.gov.br/tag/jogos-interclasses/>. Acesso em: 23 set. 2025.

QUITÉRIO, A. et al. A Educação Física na Educação Pré-Escolar. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2024. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/a_educacao_fisica_na_educacao_pre-escolar.pdf. Acesso em: 23 set. 2025.

SILVA, A. et al. A importância da educação física inserida no contexto do ensino infantil. *Id on Line Rev. Psic.*, v. 18, n. 74, p. 127-136, 2024. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/download/4131/6102/15831>. Acesso em: 23 set. 2025.

SILVA, M. A. et al. **Protagonismo juvenil no ensino médio: reflexões acerca da interclasse**. SciELO, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/LX7xMsqVx6LbPrtK8RbHXqC/>. Acesso em: 23 set. 2025.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, H. **Les origines du caractère chez l'enfant**. Paris: Presses Universitaires de France, 1934.

WALLON, H. **L'évolution psychologique de l'enfant**. Paris: Armand Colin, 1941.

WANZELER, F. S. da C. **Atividade física em adolescentes ribeirinhos**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/24652/1/2017_FelipeSauldaCostaWanzeler.pdf. Acesso em: 24 set. 2025.

.